

# Credores entram em alerta geral

**Silvio Ferraz**  
Correspondente

**Washington** — Os principais centros financeiros desta capital e de Wall Street entraram em alerta geral com as últimas notícias sobre a crise cambial que se abate sobre o Brasil. “O país entrou em moratória temporária”, afirmou William Cline, um dos maiores especialistas sobre a crise da dívida dos países do Terceiro Mundo. Para ele, o passo mais lógico será o pedido de um empréstimo-ponte ao governo americano, enquanto não se faz uma rolagem da dívida de curto prazo com os bancos credores. “A democracia brasileira e a Nova República estão correndo risco”, alertou Paul Craig Roberts, diretor do Centro de Estudos Estratégicos da Georgetown University e um dos mais ácidos críticos do congelamento de preços.

No círculo bancário, o clima é de pessimismo. As notícias procedentes do Brasil já há algum tempo vinham delineando um quadro no qual a economia do país estava fazendo água por vários buracos. Segundo os banqueiros, a suspensão de pagamentos dos juros da dívida externa brasileira não poderá ultrapassar três meses, pois nesse caso os bancos credores terão que lançar provisões em seus balanços para proteger seus acionistas na eventualidade de prejuízos.

## Grande preocupação

— O quadro é sombrio e de bastante preocupação, embora a suspensão dos pagamentos não tenha sido uma notícia inesperada para os bancos — afirmou Cline. Segundo ele, tornou-se evidente, analisando os números da balança comercial dos últimos meses, que o Brasil ficaria sem reservas para honrar seus compromissos externos. A “moratória temporária”, como prefere chamar Cline, embora assinalando o uso muito abrangente da expressão, poderá servir para o governo brasileiro mostrar ao povo a gravidade da situação e fazê-lo entender o seu novo objetivo.

— Se o governo cair na tentação do discurso demagógico e nacionalista, dizendo ao povo que está enfrentando os bancos no **front** externo, poderá vir a sofrer a má vontade dos banqueiros na hora de rolar sua dívida externa ou mesmo conseguir um empréstimo de curto prazo para honrar seus compromissos — alertou Cline, para quem este caminho seria muito facilitado com a participação do Fundo Monetário Internacional, mas ele não crê que haja disposição interna no governo para bater às portas desta instituição.

“O governo terá que fazer um bom plano para enfrentar a hiperinflação e, caso este novo pacote seja bem costurado, poderá ajudar a convencer os banqueiros credores da necessida-

de e conveniência da concessão de novos empréstimos”, disse Cline. Para ele, a estratégia do governo pode ser a utilização da gravidade da situação para desarmar o gatilho salarial previsto para disparar ainda este mês ou no próximo. “O que ficará complicado é o discurso demagógico”, alertou uma vez mais Cline. “O apelo à união para a luta contra os banqueiros não cairá bem nos ouvidos em Washington, Nova Iorque e outras praças financeiras”, disse.

## Congelamento, o vilão

Para Cline, o grande vilão responsável pela situação que o Brasil enfrenta foi o prazo excessivo do congelamento de preços: “A inflação ficou represada e na hora de abrir as comportas explodiu a hiperinflação”. A falta de controle da demanda interna foi outro fator apontado por Cline como determinante para chegar ao ponto em que o Brasil chegou.

Para Paul Craig Roberts, o prejuízo mais marcante da crise brasileira é a perda da confiança. “Tanto foi dito, tanto foi feito, tanto foi prometido em nome do Plano Cruzado e em tão pouco tempo o governo brasileiro conseguiu mostrar que não soube manejar a economia como devia”, assinalou. “A perda da confiança do povo é algo difícil de ser recuperado, embora seja imprescindível. Acho que a situação está muito, muito feia, e o fracasso do Plano Cruzado é uma ameaça à democracia”, afirmou.

Roberts, um dos primeiros a demonstrar sua incredulidade sobre um sistema que congelava apenas preços e não salários. Recordou que sua posição à época foi criticada. “Éramos tratados como apenas críticos”, disse. Para ele, os sucessivos ataques do governo Sarney aos empresários devem ter, seguramente, minado a produção e prejudicado o clima de confiança o que, conseqüentemente, abreviou os dias do Plano Cruzado. “A Nova República, a democracia, estão em risco e isso me preocupa”, frisou.

O embaixador do Brasil junto à Casa Branca, Marcílio Marques Moreira, ainda não havia iniciado contatos oficiais ontem, mas afirmou ao JORNAL DO BRASIL ser sua missão buscar o apoio do governo americano ao plano brasileiro:

A posição dos Estados Unidos foi fundamental nas últimas negociações com o Clube de Paris e com o FMI, e serão também agora — declarou.

O embaixador, que regressou a Washington pela manhã, limitou-se a confirmar a um funcionário do Tesouro americano, que se recusou nomear, serem verdadeiras as notícias procedentes do Brasil, de que o governo suspenderia por um período o pagamento da dívida externa. Marques Moreira igualmente não quis fazer qualquer declaração oficial, afirmando estar a palavra com Sarney e com Funaro.